

Ficção-científica – ecos do tempo no real

Science fiction – echoes of the time in the real

Palavras-chave: Cinema. Ficção científica. Psicanálise. Real.

Key-words: Cinema. Science fiction. Psychoanalysis. Real.

Robson de Freitas Pereira

Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA. Autor, entre outros títulos: “Cinema – O divã e a tela”, Ed. Artes e Ofícios, Porto Alegre, 2011. “Sargento Pimenta Forever”, Ed. Libretos, Porto Alegre, 2007. “La clinique du spéculaire dans l’ouvre de Machado de Assis”, co-autor, ed. bilíngue Association lacanienne internationale - ALI, Paris, 2005.

“Who really can face the future?”
(Robert M. Pirsig)¹

RESUMO: As palavras nos conduzem, mais uma vez, à dimensão do que está enlaçado borromeanamente na ficção-científica: a fantasia que sustenta nossa relação com o real. Isto inclui tanto as viagens interplanetárias, como a exploração corporal; uma vez que o corpo e os sonhos dos quais estamos falando implicam nossa relação fundamental com a linguagem. Dizendo de outro modo, os significantes, em cujo intervalo se produz o sujeito, se articulam de forma que as ficções estabelecidas ao longo da vida possibilitam uma maneira de lidar com o real. Isto requer encontrar um estilo de reconhecer o “Outro que nos habita” sem que nosso enlace seja necessariamente patológico.

ABSTRACT: *The words take us once again to the dimension of which is deeply tangled in science fiction: the fantasy that holds our relationship with the real. This would include the interplanetary journeys, as well as the corporal exploration; when the body and dreams we are referring to imply in our fundamental relationship with the language. In other words, the signifier, in which interval produces the divided subject, articulates in a way that the established fictions along life make it possible to deal with the real. This requires finding a style to recognize the “Other who lives within us” without a pathologic bond.*

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos,
vol. 3, n. 1, p. 61-69,
jan-jun, 2017

Jorge Luís Borges escreveu o prólogo² para a edição argentina das “*Crônicas marcianas*”, de Ray Bradbury. No texto, ele observou que a palavra *science-fiction* (ficção científica), ou *scientifiction* era uma invenção linguageira que “amalgamava” o adjetivo – *scientific* (científico), e o substantivo *fiction* (ficção).

1 Pirsig, Robert. *ZEN and The art of motorcycle maintenance- an inquiry into values*. NY, HarperTorch, 2006.

2 Texto que faz parte dos *Prólogos com um prólogo de prólogos*, publicado em *Obras Completas Vol. IV*, São Paulo, Globo, 1999. Sua tradução em português faz parte da apresentação da edição brasileira de *Bradbury, Ray. Crônicas marcianas*, RJ. Ed. Globo, 2010.

Além disto, sabemos que a invenção de neologismos não é privilégio da língua inglesa; os espanhóis e, acrescentaríamos, os brasileiros não se cansam de inventar novas palavras para enriquecer a linguagem; prática que mantém a vida de qualquer língua. Nesta apresentação, o autor do *Aleph* nos lembra que desde os primeiros séculos de nosso tempo os escritores, filósofos e cientistas se esmeravam em antecipar viagens interplanetárias e outros mundos imaginados. Só para citar alguns: Luciano de Samósata, em *História verídica*, descreve como seriam os habitantes da Lua e seus hábitos; Johannes Kepler, em seu *Somnium astronomicum*, livro lido num sonho que revela a existência das serpentes da Lua (novamente ela a inspirar os amantes e os astrônomos). Aulio Gelio, nas *Noites Áticas* prevê que um dia pássaros artificiais levariam os homens ao planeta onde habitariam os selenitas. Um destes “pássaros” – transformado em Apolo 9, realizou o sonho em 1969.

Nestes clássicos citados a Lua representava nosso impossível a ser alcançado. Entretanto, Ray Bradbury, na metade do século passado, colocou os homens um pouco mais longe: com suas *Crônicas Marcianas* levou nossa civilização, ou melhor, o que restou dela, para o planeta Marte. E, fez com que a atmosfera do planeta vermelho fosse respirável! Respiração que serviu de esperança para os terráqueos desiludidos com a devastação da Terra. Os homens, em Marte, teriam a possibilidade de um novo tempo, uma segunda chance.

Esta relação com o tempo é outra das características apontadas por Borges em seu prólogo. A antecipação de um futuro possível, mesmo desejável, ou até catastrófico caracteriza o gênero ficção científica. Conforme ele mesmo escreveu: “Bradbury descreve 2004 e sentimos a gravitação, o cansaço, a vasta e vaga acumulação do passado – o *dark backward and abysm of Time* do verso de Shakespeare. O Renascimento já observou, pela boca de Giordano Bruno e de Bacon, que os verdadeiros antigos somos nós, não os homens do Gênesis ou de Homero”³. Com este paradoxo, temos elementos para compreender como os relatos de conquistas de outros planetas provocam no leitor/expectador efeitos de angústia, terror, solidão e esperança.

As *Crônicas marcianas* coloca tudo isto em jogo e, em sua cronologia, no capítulo *outubro de 2026: o piquenique de um milhão de anos* os elementos tornam-se palpáveis e emolduram o que foi antecipado no início do relato:

The people of Earth came to Mars: they came because they were afraid or unafraid, happy or unhappy. There was a reason for each man. They were coming to find something or get something, or to dig up something or bury something. / They were coming with small dreams or big dreams or none

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos,
vol. 3, n. 1, p. 61-69,
jan-jun, 2017

3 Bradbury, Ray. *Crônicas marcianas*. Apresentação de Jorge Luis Borges. SP. Ed. Globo, 2010. Pag.11.

at all./ The first men were few, but the numbers grew steadily. There was comfort in numbers. But the first Lonely Ones had to stand alone...⁴

O conto – *Piquenique de um milhão de anos*, encerra o ciclo das crônicas de descoberta, conquista e destruição do planeta Marte. William – o pai, sua esposa e três filhos – Thimoty, Robert e Michael embarcam num dos últimos foguetes da Terra. O pai havia escondido durante vinte anos o artefato, com a esperança de não precisar utilizá-lo. Mas a guerra, a destruição ambiental e das relações de civilidade forçaram sua decisão (o que nos remete a atualidade da análise de Ray). William Thomas convidou a família para um longo fim de semana que se afigurava muito mais longo do que as crianças poderiam imaginar; pois assim que chegaram o pai colocou todos numa lancha e se afastaram o suficiente para se proteger da explosão do foguete. O “navio” estava queimado, não haveria mais volta. Os meninos queriam muito conhecer os marcianos, que a mãe dizia que estavam extintos; porém, o pai lhes prometera apresentar alguns. Enquanto esperavam e viajavam, eles passavam por cidades desertas, cheias de monumentos silenciosos. Pelo menos podiam brincar de escolher, se apropriar e dar nomes as cidades, repetindo o ato de Cristóvão Colombo em sua chegada ao Novo Mundo; (re)batizando todos os acidentes geográficos que a vista alcançava. O que as crianças não sabiam é que a Terra não existia mais, nem nas ondas do rádio.

Caía a noite e haviam navegado muito num dos grandes canais. Aportaram onde seria sua nova moradia. O pai fez uma fogueira com papéis que trouxera da Terra, e explicou aos filhos:

(...) Estou queimando um estilo de vida, da mesma maneira que esse estilo de vida está sendo queimado na Terra neste instante... A ciência avançou muito à nossa frente, rápido demais, e as pessoas se perderam na loucura mecânica, como crianças inventando coisas bonitas, aparelhos, helicópteros, foguetes; dando ênfase aos objetos errados, dando ênfase às máquinas e não a maneira de como fazê-las funcionar. As guerras foram ficando cada vez maiores e terminaram por matar a Terra. É isto que o silêncio do rádio significa. Foi disso que fugimos. Tivemos sorte... Agora estamos sozinhos. Nós e um punhado de outros que pousarão nos próximos dias. O

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos,
vol. 3, n. 1, p. 61-69,
jan-jun, 2017

4 Traduzindo livremente; “O povo da Terra veio para Marte: eles vieram porque eram medrosos ou destemidos, felizes ou infelizes. Havia uma razão para cada homem. Estavam vindo achar ou pegar alguma coisa, ou mesmo desencavar ou enterrar algo./ Vinham com sonhos pequenos ou grandiosos ou sonho nenhum./ Os primeiros homens eram poucos, mas o número cresceu rapidamente./ Havia conforto nos números. Mas os Primeiros Solitários tiveram que aguentar sozinhos.” Este trecho que serve de prólogo a edição das *Martian Chronicles*, *Bantam Books*, NY, 1979, não aparece na nova edição brasileira da Editora Globo, 2010. Embora nesta compareça o prólogo de J.L. Borges citado.

bastante para recomeçar.”⁵

A noite os envolvia completamente e muitas estrelas cintilavam no céu quando chegou a hora de conhecer os marcianos. O pai os levou pela mão até o canal com as águas iluminadas pelas estrelas. Apontando para baixo, William mostrou: “aí estão eles”. Os marcianos estavam lá, refletidos na água. Timothy, Michael, Robert a mãe e o pai. “Da água ondulante, os marcianos ficaram olhando para eles por um longo, longo tempo silencioso...”⁶

Cinema, psicanálise, história e ficção

É bem conhecido o fato de que cinema e psicanálise tem seus primórdios no alvorecer do século XX. Mesmo que Freud já tivesse publicado várias obras nos últimos anos do século dezanove, vide os *Estudos sobre histeria* que marcam sua parceria e separação de Breuer, ao datar sua obra “Traumdeutung”, *A interpretação dos Sonhos* (ou *Ciência dos Sonhos*), fez questão que ela estivesse marcada pelo nascimento do novo século – 1900. Quase nesta mesma época (1902), os irmãos Lumière apresentavam ao público sua *Viagem à Lua*, demonstrando que o gênero ficção científica também nasce com as imagens em movimento apresentadas ao público. Com Freud aprendemos sobre o inconsciente como a outra cena, cujo suporte é a realidade psíquica, da qual os sonhos, assim como os atos falhos são a “via régia” para decifrar o sujeito, seu desejo e suas fantasias. Bem entendido: os sonhos não são o inconsciente, constituem a estrada que precisamos trilhar para chegar a este outro lugar.

Mesmo que ainda não tenhamos uma versão cinematográfica definitiva das *Crônicas marcianas*, outros livros de Bradbury foram roteirizados (*Fahrenheit 451*, dirigido por François Truffaut é um deles) e Steven Spielberg dedicou a Ray seu filme *Contatos imediatos do terceiro grau*, demonstrando o quanto a narrativa de Bradbury é uma referência do gênero. No final de *O Piquenique...* podemos reconhecer esta ficção que antecipa o futuro, fazendo a crítica do presente. E nos permitindo sonhar com a persistência de um desejo, apesar das dificuldades e dos riscos que assolam a existência. Pois, conforme aprendemos com Lacan, a verdade de nosso desejo tem a estrutura de ficção. “Viver é muito perigoso”, dizia Guimarães Rosa, antecipando que a travessia de um rio pode ter mais do que duas

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos,
vol. 3, n. 1, p. 61-69,
jan-jun, 2017

5 *Bradbury, Ray. As crônicas marcianas*. SP. Ed. Globo, 2010. Pag. 296.

6 Aqui não se trata de uma mera reprodução do mito de Narciso que se perde apaixonado por sua própria imagem. A psicanálise nos evidenciou que a relação com a imagem especular é necessária para nossa constituição subjetiva, entretanto, a fascinação do indivíduo por sua imagem é uma maneira de estar fixado numa posição, num gozo fixado. A linda cena descrita no conto se distingue da fixação sintomática; pois ela condensa o reconhecimento de uma nova posição e a solidão implicada num ato. Tudo isto em duas linhas de pura literatura.

margens. Nesta direção, pode-se pensar que Jacques Lacan reconhece a existência de uma “perigosa” travessia, ao trabalhar a construção e as consequências do enlaçamento borromeano dos registros (ou dimensões) que sustentam o sujeito, situando a vida na dimensão do real. No sentido em que a vida, no presente, em seu cotidiano, acrescentaríamos, nos surpreende com a impossibilidade de sua total apreensão e representação. Nas palavras de Lacan:

(...) em que consiste o que escrevi, no nível do círculo do real, a palavra “vida”? É que, incontestavelmente, da vida, depois deste termo vago que consiste em anunciar o gozo da vida, da vida não sabemos nada mais, e tudo o que nos induz a ciência é a ver que não há nada de mais real, o que quer dizer de nada de mais impossível, do que imaginar como pode dar sua partida essa construção química que, de elementos repartidos no que quer que seja e que de algum modo queiramos qualificá-los pelas leis da ciência, começaria de repente a construir uma molécula de DNA, ou seja, alguma coisa que para vocês ressaltai que muito curiosamente é aí que já se vê a primeira imagem de um nó, e que se há algo que deve nos surpreender é que se tenha notado tão tarde que alguma coisa no real – não pouca coisa, a vida mesma – se estrutura de um nó.⁷

O nó, ou mais precisamente o laço, a cadeia a qual Lacan se refere é àquela estruturada pelos registros do imaginário, simbólico e real enlaçados com a propriedade borromeana: em que pode-se abrir qualquer um dos elos e a cadeia se desfazer.

São estas dimensões real, simbólico e imaginário as *dit-mansions* em francês, que nos possibilitam o dizer linguageiro que elas são as “mansões do dito”, as casas da palavra (R, S, I) que se articulam através da ficção. Bem entendido, de que para a psicanálise esta ficção, mesmo científica, ou histórica é uma maneira de dar uma moldura, fazer uma borda neste real impossível de simbolizar. Dizendo de outra maneira, a vida está na dimensão do real porque viver faz furo, esburaca nossa compreensão, nossa tentativa de fazer sentido para tudo. Daí que estamos obrigados a fazer construções em torno deste furo, bordas ou molduras que deem um suporte para o que não tem sentido, nem nunca terá. Da mesma forma, o destino do analista e mesmo de uma análise, depende do reconhecimento deste real impossível. Ainda segundo Lacan:

(...) apesar de tudo, o real poderia muito bem desembestar, sobretudo desde que ele tem o apoio do discurso científico. Este é até mesmo um dos exercícios do que se chama ficção

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos,
vol. 3, n. 1, p. 61-69,
jan-jun, 2017

7 Lacan, Jacques. *A terceira*, in Cadernos Lacan vol. 2. Porto Alegre. Publicação não comercial de circulação interna da APPOA- Associação Psicanalítica de Porto Alegre. 2002. Pags. 67/68.

científica, que, devo dizer, não leio nunca; mas muitas vezes nas análises me contam do que se trata; é inimaginável! O eugenismo, a eutanásia, enfim, todo um tipo de eubrincadeiras diversas.⁸

Pois bem, da viagem à Lua dos irmãos franceses, passando pelas aventuras de *Flash Gordon*, ou de *2001 – uma odisseia espacial* e mesmo a produções mais recentes como *A Origem (Inception)*⁹, a ficção-científica (esta invenção discursiva, ou languageira, como escrevemos acima apoiados em Borges) coloca nossas fantasias na tela. Sejam elas terroríficas, buscando exorcizar nossa angústia com relação ao real desconhecido, sejam de realização de uma esperança na persistência de uma possibilidade de reconstrução (os novos marcianos), ou mesmo utopia de construção da *Era de Aquarius*. Só para trazer à memória: na década de 60 a série televisiva *Quinta Dimensão (The outerlimits)* nos mostrava o quanto a ciência associada à curiosidade, a imprudência ou mesmo à desmedida podia nos defrontar com o terror. Na mesma década, ao final dos anos sessenta, o musical *Hair* (mais tarde adaptado para o cinema por Milos Forman), cantava *Aquarius – let the Sunshine in*, transformado em hino da contracultura e libelo por uma sociedade onde imperasse a igualdade, paz, amor e o acesso ao corpo próprio e do outro não fosse mais um tabu. *Make love not war*.

Neste ponto, poderíamos dizer que o acesso ao real do corpo, ou seja, aquilo do qual um corpo goza, ou mesmo do que origina seu funcionamento em cadeias é outro dos temas capitais da ficção científica. Se o espaço sideral um dia foi considerado a “fronteira final” (lema de *Jornada nas Estrelas*, levada pela nave Enterprise), o corpo e sua exploração infinitesimal é a outra borda desta fronteira. *Viagem Fantástica* não foi o primeiro, nem será o último filme a tentar mostrar como seria a exploração microscópica do corpo humano. Tampouco as visões de *Avatar*, de James Cameron (diretor que tem preocupações com a sustentação do meio ambiente), representam nossos limites. Até porque se nos remetermos às pesquisas recentes do neurocientista Miguel Nicolelis e sua equipe, poderemos constatar que algumas das fantasias, contidas no filme, não estão muito longe de serem realizadas.¹⁰ Atualmente são os macacos que submetidos a experimentos, demonstram que o olhar pode comandar um feixe de neurônios e que o estímulo da motilidade é uma questão de superfície e não de profundidade (vide o fato de que as conexões neuronais disparadas a partir do córtex não precisam mais do que 1mm, um milímetro de profundidade,

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos,
vol. 3, n. 1, p. 61-69,
jan-jun, 2017

8 *A terceira*, ibidem. Pag.51.

9 Dirigido por Christopher Nolan em 2010, o filme recupera o valor da fantasia e, principalmente dos sonhos. Sua ficção-científica estaria no fato de que num futuro próximo poderíamos manipular os sonhos dos outros. Para o bem e para o mal com o risco de nos perdermos neles.

10 *Nicolelis, Miguel. Muito além do nosso eu. SP. Cia das Letras, 2011 .*

para serem fixadas no couro cabeludo das cobaias primatas).¹¹ Como um dia nos ensinou a psicanálise: o inconsciente não é profundo, ele está nas superfícies das palavras. “Basta seguir a música”¹², a musicalidade que cada sujeito consegue escutar para seguir “surfando” no mar das palavras.

As palavras nos conduzem, mais uma vez, à dimensão do que está enlaçado borromeanamente na ficção-científica: a fantasia que sustenta nossa relação com o real. Isto inclui tanto as viagens interplanetárias, como a exploração corporal; uma vez que o corpo e os sonhos dos quais estamos falando implicam em nossa relação fundamental com a linguagem. Dizendo de outro modo, os significantes, se articulam de forma que as ficções estabelecidas ao longo da vida possibilitam uma maneira de lidar com o real. Isto requer encontrar um estilo de reconhecer o “Outro que nos habita” sem que nosso enlace seja necessariamente patológico.

Lidar com o tempo, produzir um saber a respeito do passado e do futuro, para poder viver o presente seria um efeito esperado de uma análise. Robert Pirsig, autor citado na epígrafe, se insere na vereda aberta por Freud, ao retomar os antigos gregos e sua concepção do tempo: “... *they saw the future as something that came upon them from behind their backs with the past receding away before their eyes.*”¹³. Não é uma maneira de ler Freud e sua concepção do retorno do recalcado? Elaboração corroborada por Michel de Certeau¹⁴: “esse “mecanismo” (o retorno do recalcado) utiliza uma concepção do tempo e da memória; nesse caso, a consciência é, simultaneamente, a *máscara* ilusória e o *vestígio* efetivo de acontecimentos que organizam o presente.” O historiador se vale da psicanálise freudiana e do retorno à Freud produzido por Lacan; o fato atual, a memória tem seu ornamento ilusório, imaginário necessário para a vivência de continuidade cronológica. Simultaneamente, os vestígios do dia e da noite, das sombras do passado desempenham sua função. Eles são traços, sinais, rastros que adquirem sentido quando o sujeito os localiza em sua história pessoal. Daí que Lacan, seguindo a idéia freudiana de que as lembranças são sempre encobridoras, afirmar que o recalcado e seu retorno são similares. Afinal, o que eles têm em comum é a impossibilidade de determinar a origem exata e universal do trauma, uma vez que “o “real” representado não corresponde ao real que determina sua produção.”¹⁵

As produções ficcionais tem sua função, tanto para o historiador, quanto para o homem comum:

11 As experiências conduzidas por Nicoletis estão evoluindo na direção oferecer melhores perspectivas aos pacientes tetraplégicos e mesmo pessoas que perderam membros superiores ou inferiores.

12 Ibidem *Muito além do nosso eu...* pag.17

13 Ibidem ZEN and...Pag. 532

14 Certeau, Michel. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte/MG. Ed Autêntica, 2011. Pag. 71

15 Michel de Certeau, ibidem, pag 49.

(...) essa representação do fazer história desempenha seu papel, indispensável, em uma sociedade ou em um grupo: ela procede, incessantemente, à reparação das dilacerações entre o passado e o presente; assegura um “sentido” que supera as violências e as divisões do tempo; cria um teatro de referências e valores comuns que garantem ao grupo uma unidade e uma comunicação simbólicas.¹⁶

Esta produção de sentido, tão necessária, como vimos no trecho citado acima, se sustenta com a ficção. A este respeito, Jacques Lacan vai reafirmar este sentido e avançar afirmando que a verdade tem estrutura de ficção, porque ambas são tributárias, organizadas pela linguagem. O reconhecimento do real como impossível, possibilita que o presente seja suportado, com todos os deslizamentos significativos que se consiga fazer. Escutamos os ecos do tempo no real. Suporte de um desejo para persistir apesar da destruição e da violência que pode assolar qualquer um a qualquer momento. Suportar o presente, suportar o intervalo que rompe a continuidade que nossos sentidos e o cinema ajudam a constituir. Possibilidade de inventar, contribuir para o oceano da linguagem.

Viver o presente (leia-se a dimensão do real na qual a vida está inserida) requer mais inventividade que o refúgio ao passado ou o futuro. Ao nos referirmos à ficção-científica, como um gênero literário, ou mesmo cinematográfico (na tela grande ou pequena), talvez estejamos nos aproximando de uma das molduras mais eficazes desta janela para o real. Neste sentido de que a realidade psíquica, este território descoberto e delimitado por Freud, fornece uma forma de expressão fantasmática que habita o coração e a mente dos homens e os determina a despeito de toda a consciência e a tentativa de estar ciente (e dar ciência) de tudo. Podemos concluir, reafirmando que a dimensão da realidade ficcional, permite a expressão literária, plástica/visual destes mundos fantásticos, nestas promessas de um futuro de reconstrução, no enfrentamento da pulsão de morte insaciável, desmedida como são os desejos. Desde que não fiquemos fixados, paralisados; pois o real que a psicanálise reconhece é o mesmo que a religião e a ciência tratam de cobrir com suas ficções transformadas em invenções e promessas. Assim como o efeito da travessia “perigosa” de uma análise, que possibilite fazer o deslizamento da fixação (*fixierung*) para uma *ficcionalização* que reconheça as determinações inconscientes no corpo e nos enlances sociais. Talvez seja uma chance para que sejamos menos solitários e mais solidários.

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos,
vol. 3, n. 1, p. 61-69,
jan-jun, 2017

REFERÊNCIAS

BRADBURY, Ray. *As crônicas marcianas*. SP. Ed. Globo, 2010.

BRADBURY, Ray. *Martian Chronicles*, NY. Bantham Books. 1979.

BADIOU, Alain & CASSIN, Barbara. *Il n'y a pas de rapport sexuel- Deux leçons sur "L'Étourdit" de Lacan*. Paris. Fayard. 2010.

BADIOU, Alain & CASSIN, Barbara. *Não há relação sexual – duas lições sobre "O aturdido" de Lacan*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2013.

CERTEAU, Michel. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte/MG. Ed Autêntica, 2011.

LACAN, Jacques. *A terceira*, in Cadernos Lacan vol. 2. Porto Alegre. Publicação não comercial de circulação interna da APPOA- Associação Psicanalítica de Porto Alegre. 2002

LACAN, Jacques. *L'étourdit*, in *Autres écrits*, Paris, Éd. Du Seuil. 2001. Pags. 449-495.

LACAN, Jacques. *O aturdido*, in *Outros Escritos*. RJ. Jorge Zahar. 2003. pags.448-497.

NICOLELIS, Miguel. *Muito além do nosso eu*. SP. Cia das Letras, 2011 .

PIRSIG, Robert. *ZEN and The art of motorcycle maintenance- an inquiry into values*. NY, HarperTorch, 2006.

WELLER, Sam. *Listen to the echoes – The Ray Bradbury interviews*. NY. Melville House Publishing. 2010

VEGH, Isidoro. *Lectura de L'étourdit*. Buenos Aires. EFBA. 2007.

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos,
vol. 3, n. 1, p. 61-69,
jan-jun, 2017